

# APRESENTAÇÃO

Nos últimos anos, a relação entre capitalismo e patriarcado tem estado no centro das discussões teóricas e políticas. Ao mesmo tempo, as relações entre capitalismo e racismo, capitalismo e colonialidade, que possuem uma longa história de lutas e pesquisas em diferentes geografias globais, voltaram a ganhar centralidade. Os estudos em termos de sexo, raça, classe e a perspectiva da interseccionalidade têm permitido compreender como essas dimensões atravessam transversalmente nossas sociedades. Atualmente, em nossa região, os feminismos decoloniais e antirracistas e as críticas da colonialidade vêm discutindo como as relações patriarcais e coloniais de poder, as lógicas de exploração, de acumulação de capital e as formas de subjetividade estão profundamente entrelaçadas. Abordar essas discussões, aprofundá-las, a partir de heterogêneos marcos teóricos, experiências políticas, das mais diversas práticas ou de estudos empíricos é, em termos gerais, a vocação deste dossiê.

Fazer uma leitura da relação entre colonialismo, racismo, patriarcado e capitalismo não só supõe debater uma historização etapista e evolucionista euro-androcentrada do capital, mas propor ferramentas para uma teoria materialista do arranjo capitalista-patriarcal-colonial que dê conta do modo como se coproduzem e compõem as hierarquias de classe, sexo-genéricas, raciais e coloniais nos múltiplos tempos e espaços do contemporâneo.

Para isso, este dossiê transita por um conjunto de aproximações possíveis a este problema.

Uma série de textos propõe diversas figuras, como o triedro, o nó, a consubstancialidade, o regime, etc., para abordar de forma frontal a questão proposta. Para isso, é apresentado um conjunto de estratégias conceituais que partem de diversas tradições teóricas, atravessando seus limites e fazendo-as dialogar entre si. Certamente, este gesto parece imprescindível para pensar a complexidade dessa tripla imbricação.

Outra série de textos coloca em tensão essas imbricações a partir da discussão de certos tópicos dos estudos queer e dos estudos trans, esvaziando as próprias categorias de gênero, sexo, classe e raça. Com isso, abrem debates sobre identidade, reprodutivismo, representação, os marcos de inteligibilidade da experiência.

Por fim, um conjunto de textos toma o problema proposto pelo dossiê e o coloca em discussão com uma série de perspectivas teórico-filosóficas particulares. Para isso, ditos textos rastreiam as potencialidades, as ferramentas e os conceitos de uma diversidade de autores como bell hooks, Mark Fisher, Walter Benjamin e Michel Foucault para pensar essas problemáticas em seus próprios contextos de produção e na contemporaneidade.

Neste dossiê, os artigos estão ordenados em função desta constelação de problemas, mas a mesma é apenas uma sugestão. O conjunto dos artigos pode ser lido nesta ordem ou em qualquer outra, já que todos estão entrelaçados por uma questão comum, sobre a qual propõem múltiplas entradas.

Abrimos o dossiê com nosso texto “Uma crítica à montagem capitalista, colonial, patriarcal”, no qual propomos discutir as relações entre capitalismo, colonialidade e patriarcado e as respectivas formas de organização da experiência em termos de classe, raça, sexo, gênero a partir de duas perspectivas. Por um lado, desde uma crítica decolonial que tem trabalhado, sobretudo, na vinculação entre capitalismo e colonialidade. Por outro lado, desde uma crítica feminista que tem abordado a relação entre capitalismo e patriarcado. Seguindo esses desenvolvimentos, propomos a estratégia de pensar essa relação sob a figura do triedro, na qual cada uma dessas dimensões só existe em relação, e não de forma isolada.

Continua o texto de Vera Simone Schaefer Kalsing, “Relações de raça, classe e sexo, e sua imbricação: uma conversa com Heleieth Saffioti e Danièle Kergoat”. O mesmo coloca em diálogo as noções de nó e consubstancialidade das respectivas autoras, apontando seus limites e potencialidades, para formular uma crítica à interseccionalidade e uma proposta superadora que dê conta das relações entre raça, classe, sexo e suas complexas imbricações.

Nesse mesmo sentido, Carli Prado, em “La heterosexualidad como condición *sine qua non*: patriarcado, colonialismo y capitalismo en relación al régimen de la diferencia sexual”, propõe uma crítica da heterossexualidade como problema histórico. O artigo argumenta que esta, longe de ser uma categoria universal e ahistórica, compõe o núcleo das relações de classe, raça e sexualidade como um regime de produção de diferenças que tem sua genealogia no processo de conquista e que ainda sobrevive em nossos imaginários pós-coloniais. O artigo afirma que está longe de ser uma categoria universal e ahistórica, compõe o núcleo das relações de classe, raça e sexualidade como um regime de produção de diferenças que tem sua genealogia no processo de conquista e que ainda sobrevive em nossos imaginários pós-coloniais.

Mag de Santo, em “Muerto el nombre nace un sujeto: formas de aparición del cuerpo trans en Archivos del Estado Nacional argentino”, dá um giro suplementar ao problema deste dossiê. A partir do trabalho com arquivos do Estado colonial moderno e ao colocar em discussão as matrizes de inteligibilidade do corpo trans\* que estes supõem, propõe um deslocamento além da simples interdependência constitutiva das estruturas patriarcais, capitalistas e raciais.

Seguindo este deslocamento, “Algunas reflexiones en torno a las políticas de la negatividad en el giro anti-social de los estudios queer y del afropesimismo negro”, de Fiorella Guaglianone, analisa as relações entre essas duas perspectivas e suas formas de conceitualizar o sexo e a raça. Esta abordagem permite dar conta de uma visão anti-identitária, não relacional e inarticulável dos estudos queer e da negritude.

Em sintonia com essas discussões, Jan Clefferson Costa de Freitas e Nathália Cristina Medeiros Maia abrem o conjunto de textos que centram o debate sobre a perspectiva de um autor em particular. “Intersecções da Transgressão: o Pensamento Feminista de bell hooks” explora a peculiar noção de interseccionalidade desta autora, na qual a figura da mulher negra permite complexificar as relações generizadas, racistas e classistas. Sua leitura de hooks destaca a potência da negritude feminista para pensar formas inovadoras de organização e de produção de conhecimento para as resistências.

Emiliano Exposto, em “O marxismo Louco de Mark Fisher: por uma política radical de saúde mental”, realiza uma contribuição à teoria crítica argentina e latino-americana a partir de uma leitura deste autor, recuperando uma práxis anticapitalista centrada na problemática da loucura. O texto atravessa uma série de eixos que considera essenciais - a depressão ansiosa em K-punk; os sintomas mentais da classe trabalhadora contemporânea; as economias do mal-estar e as normatividades psíquicas da dominação capitalista - com o fim de propor um diagnóstico desde as esquerdas para a conjuntura global.

Por sua vez, o texto de Pedro Mülbersted Pereira e Elisa Antonio Paim, “Walter Benjamin e a decolonialidade: um diálogo possível?” explora as possíveis relações entre ambas as perspectivas, centrando-se na crítica da modernidade, da história e do progresso. E a partir desses tópicos, propõe a potencialidade do diálogo como uma contribuição para o debate deste dossiê em particular e para a teoria crítica contemporânea em geral.

Esta série se completa com o texto de Marcelo Raffin e Ivan Dalmau, “Hacia una problematización de la colonialidad y de la decolonialidad a partir de la caja de herramientas foucaultiana”. Nele, os autores discutem o suposto caráter eurocêntrico de certos conceitos de Foucault e rastreiam as referências ao colonial em sua obra. Inversamente, propõem que a pergunta pela produção do “humano” na modernidade ocidental europeia pode fornecer chaves para compreender a colonialidade e a decolonialidade.

Este dossiê se abre com uma imagem de Duen Neka'hen Bazán Sacchi, artista e escritor trans. Finalmente, se encerra com uma entrevista em que convidamos ele a pensar coletivamente as perguntas que temos feito e a atravessá-las pelo que sua produção artística nos desperta. Este diálogo aborda não só as relações entre patriarcado, colonialidade e capitalismo desde uma perspectiva trans, mas também questiona o que tal perspectiva seria e abre, a partir daí um conjunto de profundas reflexões sobre identidade, memória, ficção, política e conjuntura.

Esperamos que este dossiê abra o tempo parado da leitura, que essa pausa produza prazer e habilite a imaginação no esforço de compreender os interstícios complexos da conjuntura. Afinal, cada um desses textos, dessas vozes, desses olhares, desses pensamentos, compartilha o gesto de ser uma tentativa entre o conhecido e o desconhecido. Se, como diz Juan José Saer, “o desconhecido é uma abstração. O conhecido, um deserto. Mas o conhecido pela metade, o vislumbrado, é o lugar perfeito para fazer ondular desejo e alucinação”, aqui os convidamos a permanecer.

Julia Expósito<sup>1</sup>  
Emiliano Sacchi<sup>2</sup>

---

1 Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires. Pesquisadora do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (CONICET/Argentina) e professora da Universidade Nacional de Rosario (UNR/Argentina). Argentina. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5671-1934>. E-mail: [expositojulia@gmail.com](mailto:expositojulia@gmail.com)

2 Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires. Pesquisador do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (CONICET/Argentina) e professor da Universidade Nacional do Comahue (UNCO/Argentina). ORCID: <http://orcid.org/0009-0002-8344-1081>. E-mail: [emilsacchi@gmail.com](mailto:emilsacchi@gmail.com)